

## A LITERATURA INFANTOJUVENIL DE JORGE AMADO

Paulo Augusto Nedel<sup>1</sup>

**Resumo:** A vasta obra de Jorge Amado é conhecida internacionalmente devido à sua imensa tiragem de livros em inúmeros países, assim como adaptações cinematográficas e novelísticas que o popularizaram ainda mais. Contudo, o que parece não ser de conhecimento comum é o fato de o autor ter escrito também duas obras de literatura infantil ou infantojuvenil, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* e *A Bola e o Goleiro*, e ter ainda, postumamente, partes de um de seus livros, *Os Pastores da Noite*, adaptadas numa publicação classificada também como infantojuvenil: *A Gatinha Branca de Pé-de-Vento e A Bagagem de Otália*. Pretende-se, aqui, analisar essa parte da produção amadiana que tem merecido tão pouco destaque na crítica.

**Palavras-chave:** Literatura infantojuvenil. Jorge Amado.

Jorge Amado foi um escritor brasileiro que ficou mundialmente conhecido. Sua vasta obra literária foi publicada em dezenas de países. Contudo, parece pouco divulgado que o autor de *Gabriela, Cravo e Canela*, *Dona Flor e seus dois Maridos* e *Tieta do Agreste* também tem publicados três livros infantojuvenis: *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, *A Bola e o Goleiro*, *A Gatinha Branca de Pé-de-Vento e A Bagagem de Otália*.

A primeira aventura de Jorge Amado no campo da literatura infantojuvenil inicia com uma interessante introdução que só foi escrita 28 anos depois da produção do texto, no ano da publicação do livro:

A história de amor do Gato Malhado e da Andorinha Sinhá eu a escrevi em 1948, em Paris, onde então residia com minha mulher e meu filho João Jorge, quando este completou um ano de idade, presente de aniversário, para que um dia ele a lesse. Colocado junto aos pertences da criança, o texto se perdeu e somente em 1976, João, bulindo em velhos guardados, o reencontrou, dele tomando finalmente conhecimento. (...) Nunca pensei em publicá-lo. Mas tendo sido dado a ler a Carybé por João Jorge, o mestre baiano, por gosto e amizade, sobre as páginas datilografadas desenhou as mais belas ilustrações, tão belas que todos as desejam admirar. Diante do quê, não tive mais condições para recusar-me à publicação por tantos reclamada: se o texto não paga a pena, em troca não tem preço que possa pagar as aquarelas de Carybé. (...) O texto é editado como o escrevi em Paris, há quase trinta anos. Se fosse bulir nele, teria de reestruturá-lo por completo, fazendo-o perder sua única qualidade: a de ter sido escrito simplesmente pelo prazer de escrevê-lo, sem nenhuma obrigação de público e de editor. (...) Londres, agosto de 1976 (AMADO, 2002, p. 7)

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil. Professor das redes municipais de educação de Viamão e Alvorada/RS. Atualmente é professor na EMEF Presidente Getúlio Vargas.

Como se vê, Jorge Amado escreveu a história despretensiosamente e sem nenhuma intenção de publicá-la, apenas no intuito de ler para seu filho quando ele crescesse um pouco. Tamanha foi sua (por que não dizer) displicência para com sua produção, que a esqueceu por quase três décadas, e talvez nunca mais tivesse se lembrado se seu filho não a encontrasse, também sem querer. Mesmo assim, ainda não havia interesse em publicação, fazendo-o então apenas porque seu amigo Carybé a ilustrou de forma que se sentiu obrigado a entregar a seu editor.

Contrariando a modéstia do autor, a leitura do texto paga, sim, a pena. Em sua característica linguagem fluente e coloquial, conta uma história dentro de outra. Primeiro, a da Manhã, que se justificava ao Tempo pelo relapso atraso de três quartos de hora para trabalhar.

A história que a Manhã contou ao Tempo para ganhar a rosa azul foi a do Gato Malhado e da Andorinha Sinhá; ela a escutara do Vento, sussurrada com enigmática expressão e alguns suspiros – a voz plangente. Eu a transcrevo aqui por tê-la ouvido do ilustre Sapo Cururu, que vive em cima de uma pedra, em meio ao musgo, na margem de um lago de águas podres, em paisagem inóspita e desolada. (...) Posta em fala de gente não há história que resista e conserve o puro encanto; perdem-se a música e a poesia do Vento. (AMADO, 2002, p. 15)

Perde-se a poesia do Vento, mas não a poesia da linguagem de Jorge Amado e da trajetória do Gato Malhado, terror do parque em que morava, temido por todos, e que “não mantinha relações de amizade com os vizinhos e quase nunca respondia aos raros cumprimentos que, por medo e não por gentileza, alguns passantes lhe dirigiam” (AMADO, 2002, p. 17).

Acusado de assassinatos terríveis pelos outros animais do parque, o Gato Malhado apenas carrega a fama, pois se descobrirá que ele não é tão mal assim, e, em poucas páginas, mesmo os pequenos leitores ou ouvintes entenderão que muitas vezes se pensa algo de alguém apenas por sua aparência ou por se ouvir falar, daí um pré-conceito e um preconceito.

Em um dia de Primavera, porém, o temível Gato Malhado apaixona-se pela Andorinha Sinhá, a mais carismática do parque. O amor é correspondido, o que fará com que ele mude seu jeito de ser, mudando também sua vida e a opinião dos outros. Mas nem tudo é perfeito:

Onde já se viu uma andorinha, linha andorinha, louca andorinha, às voltas com um gato? Tem uma lei, uma velha lei, pombo com pomba, pato com pato, pássaro com pássaro, cão com cadela e gato com gata. Onde já se viu uma andorinha noivando com um gato? (AMADO, 2002, p. 45)

*A Bola e o Goleiro*, livro dirigido a um público mais infantil, foi escrito e publicado em 1984 – nas palavras iniciais do texto, “uma historinha para ninguém botar defeito, breve e louca como a vida” (AMADO, 2008, n.p).

Como o título indica, tem por tema o futebol, mas, na verdade, é a história de amor entre a bola Fura-Redes – “a maior especialista do país na quantidade e na qualidade de tentos assinalada” (AMADO, 2008, n.p) – e o goleiro Bilô-Bilô Mão-Podre, o pior dos goleiros.

Quando a bola se apaixona por ele, começa a ir sempre em direção a seu amado para ser abraçada e levada a seu peito, próximo do coração. Bilô-Bilô, portanto, passa a defender todos os chutes a gol, tornando-se um ídolo, até o grande jogo, em que terá de enfrentar o Rei do Futebol, prestes a fazer seu milésimo gol. Na cobrança de um pênalti pelo melhor dos jogadores, a bola entrará ou não no gol?

*A Ratinha Branca de Pé-de-Vento e a Bagagem de Otália* formam, atualmente, um único livro, como se fossem apenas dois capítulos de uma única obra. A princípio, eram apenas partes do romance *Os Pastores da Noite*, adaptadas, após a morte de Jorge Amado, por sua neta Mariana Amado Costa, que explica, em sua apresentação, como procedeu:

O texto deste livro foi adaptado de forma a concentrar sua narrativa nas duas histórias contadas. Para isso, foram retirados do texto original de *Os pastores da noite* trechos que remetem a outras aventuras e personagens, foi modificada a ordem de algumas frases e parágrafos, e um parágrafo foi acrescentado para unir as duas partes originalmente distantes no episódio de Pé-de-Vento. (AMADO, 2009, p. 10)

Assim, são dois episódios extraídos de uma obra publicada em 1964, mas que podem ser lidos separadamente do conjunto. Na primeira parte, o personagem Pé-de-Vento, para conquistar a cozinheira Eró, oferece-lhe de presente uma ratinha branca a quem ensinara uma habilidade: “Com o estalar dos dedos, fazia-a ir e vir de um lado para o outro e finalmente deitar-se de costas, as

patas agitando-se no ar, à espera de uma carícia na barriga” (AMADO, 2009, p. 12).

Na segunda parte, tem-se a chegada de Pé-de-Vento e sua ratinha a um bar para encontrar os amigos envolvidos no caso do sumiço – ou roubo ou brincadeira, dependendo do ponto de vista – da bagagem de Otália, moça vinda do Bonfim, e que, para utilizar um banheiro, deixara suas malas aos cuidados de um desconhecido que sumiu com elas.

Apesar de estarem, em princípio, reunidas num mesmo gênero literário, a literatura infantojuvenil, com a leitura das três obras, observa-se que são bastante diferentes entre si. *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* não apresenta personagens humanos, com exceção do narrador principal, que transcreveu a história. A leitura mostra a complexa rede que se forma entre os muitos narradores da história do inusitado casal, contada inicialmente pelo Vento para a Manhã:

Bisbilhoteiro e audacioso, rei dos andarilhos, rompendo fronteiras, invadindo espaços, vasculhando esconderijos, o Vento carrega um alforje de histórias para quem queira ouvir e aprender. (...) Fanática por uma boa história, a Manhã se atrasa ainda mais, atenta ao falatório do Vento, casos ora engraçados ora tristes, alguns longos, prolongando-se em capítulos de folhetim. Pouco dada ao trabalho, a Manhã deixa-se ficar embevecida a escutar. (AMADO, 2002, p. 10-11)

O Tempo reclama com a Manhã por ela ter se atrasado. Ao saber que o motivo do descuido de sua subordinada para com o horário do trabalho havia sido uma história, deseja a ouvir também. Assim, a Manhã conta-a para o Tempo, que dorme, mas isso não a impede de continuar narrando. De alguma forma o Sapo-Cururu a escuta e depois a conta, por sua vez, ao narrador final, que irá, enfim, transcrevê-la.

Amado utiliza o Sapo-Cururu, personagem de um acalanto, ou canção de ninar, para transmitir a história dos narradores-fenômenos da natureza para o narrador-humano, mas, a partir daí, os personagens serão todos bichos: Gato Malhado, Andorinha Sinhá, Pato Negro, Mamãe Sabiá, Velha Coruja, o galo Don Juan de Rhond Island, Cobra Cascavel. Observe-se o emprego das iniciais maiúsculas. Não é qualquer gato malhado; é o Gato Malhado.

A utilização de animais com características humanas em narrativas remete diretamente à fábula, gênero que Esopo e La Fontaine muito bem representaram, no qual, ao final, tem-se sempre uma moral. Jorge Amado escreve uma fábula: os personagens são animais (e, no início, como já foi citado, fenômenos naturais) com fala, temperamentos e costumes característicos, que passam, ao final, mas também durante a história, exemplos morais, porém não tão nítidos e simples como, em geral, se espera do gênero. O final dúbio para o Gato Malhado, que sai procurando seu fim trágico ou sua última esperança, deixa margens para interpretações mais ou menos otimistas. Segundo Diana e Mário Corso:

A aposta pedagógica das fábulas era numa divulgação facilitada dos bons princípios, que, por essa via, ilustrados com situações simples envolvendo animais, poderiam ser compreendidos e incorporados por aqueles a quem se necessitava educar. Conforme a intenção de La Fontaine, tratava-se de construir o sistema moral dos seres humanos, enquanto ainda eram crianças, através de fábulas. (CORSO; CORSO, 2006, p. 214)

Mas Amado escreve uma fábula moderna - que não segue a ordem clássica de início, meio e fim -, inserindo um "Capítulo inicial, atrasado e fora de lugar" (AMADO, 2002, p. 27) e alguns "Parêntesis", nome dado a pequenos capítulos explicativos que se deslocam um pouco do assunto principal, mas complementam-no, assim como quebram aquela narrativa linear, o que parece ser a intenção maior, como quando insere um soneto de autoria do Gato Malhado ou uma crítica literária feita pelo Sapo Cururu:

Pode o leitor estranhar que seja a história tão interrompida por parêntesis, deixando-se o autor ficar no bem-bom, quem sabe a dormir a sesta ou namorar, mas em verdade sai ganhando, pois em lugar de enfastiar-se com tacanhas letras e fútil narrativa, ilustra-se lendo peça profunda devida à pena do eminente Sapo Cururu, membro da Academia e do Instituto, crítico universitário, professor de Comunicação. (AMADO, 2002, p. 52)

E assim, uma literatura produzida para crianças vai introduzindo o pequeno leitor, de forma até didática, em questões de leitura mais complexas como a intertextualidade com o folclore, o uso de digressões ou *flash-back*, formas poéticas como o soneto e crítica literária.

O desfecho, também um tanto incomum em histórias infantis, de um amor que não se realiza plenamente, é uma forma de trabalhar o amadurecimento da criança para lidar com dificuldades impostas pela vida real. O narrador revela que: "Para que essa história terminasse alegremente", poderia descrever outros acontecimentos, "Mas tudo isso o leitor pode imaginar a seu gosto, com inteira independência" (AMADO, 2002, p. 59). A imaginação, aqui, é a possibilidade maior que cada leitor recebe para criar o final que quiser.

O final da história é dúbio, permitindo interpretações boas ou não. De qualquer forma, é um excelente exemplo para trabalhar questões como a frustração e a necessidade de se aceitar o que acontece na vida e seguir adiante, entre outros muitos assuntos que o texto permite aprofundar em diálogos com crianças e pré-adolescentes.

Em *A Bola e o Goleiro*, tem-se diferenças. É um livro com bem menos texto e mais ilustrações, a história segue uma ordem cronológica, sem inversões ou interferências maiores do narrador. Inclusive, importa lembrar que em *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, o Vento contou a história para a Manhã, que recontou para o Tempo, sendo assim ouvida pelo Sapo Cururu, que contou para o narrador, que, por fim, está contando para o leitor. Nesta segunda narrativa para o pequeno leitor tudo será mais simples. Seu início já se mostra perfeito para a contação de histórias: "Vou contar a quem a queira ouvir a história da bola Fura-Redes e do goleiro Bilô-Bilô, o Cerca-Frango, uma historinha para ninguém botar defeito, breve e louca como a vida" (AMADO, 2008, n.p).

Uma história de amor entre uma bola e um rapaz, pois agora se tem um personagem humano atuando com outro não-humano, mas com desejos e vontades próprias. Não se está mais na fábula. Mas, continua-se na literatura infantil. *A Bola e o Goleiro* não é conto de fadas, mas tem um funcionamento muito semelhante, posto que tudo é possível, tal como a Madrasta Má conversar com o espelho que lhe diz ser a mais bela, até perder o posto para a Branca-de-Neve. Porém, não há fadas, nem princesas e príncipes, nem madrastas, apenas o pior goleiro e a melhor bola do mundo. Tal como a Rapunzel, a Gata Borralheira e outros personagens do gênero, Bilô-Bilô começa a narrativa em uma situação extremamente problemática, que será superada para culminar num final feliz.

Além disso, dessa vez o amor entre os dois, muito mais complicado que o amor entre um gato e uma andorinha, se realiza:

Assim terminou a carreira futebolística da bola Fura-Redes e do goleiro Cerca-Frangos que foi o pior e o melhor de todos os goleiros. O que fizeram depois? Ora, o que fizeram! se casaram e viveram felizes para sempre. (AMADO, 2008, n.p)

O final típico ao molde dos clássicos contos de fadas, em que a inicialmente desafortunada moça acaba se casando com o príncipe e vivem felizes para sempre, encontra aqui algumas mudanças, pois tem-se um desafortunado moço e seu par perfeito é uma bola, não uma bela princesa. Contudo, isso não pode ser considerado uma mudança negativa. Psicologicamente, Bruno Bettelheim explica sobre a relação entre crianças e seres inanimados:

Para a criança não existe uma linha clara separando os objetos das coisas vivas; e o que quer que tenha vida tem vida muito parecida com a nossa. Se não entendemos o que as rochas, árvores e animais têm a nos dizer, a razão é que não estamos suficientemente afinados com eles. Para a criança que tenta entender o mundo parece razoável esperar respostas daqueles objetos que despertam sua curiosidade. E como a criança é egocêntrica, espera que o animal fale sobre as coisas que são realmente significantes para ela, como fazem os animais nos contos de fadas, e da maneira como a própria criança fala com seus pertences ou animais de brinquedo. Uma criança está convencida de que o animal entende e sente como ela, mesmo que não o mostre abertamente. (BETTELHEIM, 1980, p. 60)

Daí não haver a menor estranheza no amor - realizado, inclusive - entre o garoto e a bola. Um processo que o transforma de uma pessoa com um problema em alguém feliz para sempre, como muito claramente demonstra a diferença dos apelidos nas suas duas fases:

O goleiro Bilô-Bilô iniciara sua carreira de goleiro, sendo saudado em campo com diversos apelidos, cada qual - como direi? - mais caloroso: Cerca-Frango, Mão-Furada, Mão-Podre, Rei-do-Galinheiro e outros nomes ainda mais feios que eu não reproduzo aqui por ser esta história dedicada ao público infantojuvenil. (...) Pois bem: Bilô-Bilô transformou-se no aplaudido, no popularíssimo Pega-Tudo, o Tranco-Gol, o Aranha, o Maior de Todos. (AMADO, 2008, n.p)

O processo vivido por Bilô-Bilô auxilia no desenvolvimento da maturidade moral e social das crianças, estimulando a construção de sua autoestima. A vitória da personagem é, inconscientemente, a possibilidade da sua vitória, do seu crescimento, da resolução de seus problemas, com a garantia de um final feliz para sempre.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 1980, p. 20)

Bettelheim, entretanto, em *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, somente valoriza os contos de fadas em seu estado puro. Nenhum outro gênero literário, mesmo infantil recebe sua atenção. Assim, obras posteriores não preencheriam totalmente os requisitos para trabalharem perfeitamente o inconsciente infantil. Crítica levantada por Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, em *Fadas no Divã*, para quem:

(...) o autor idealizava e superestimava os contos de fadas, acreditava que eles eram o único produto cultural adequado para a infância. Nesse livro, sua prioridade era relançar e valorizar algo que tinha como um grande legado cultural, capaz de exercer uma eficácia benigna inestimável sobre o desenvolvimento infantil. (CORSO; CORSO, 2006, p. 162)

Bettelheim (1980) não considerava significativas as adaptações dos contos, tampouco as cinematográficas, assim como as obras ilustradas que, para ele, inibiam a imaginação das crianças. Além disso, uma vez que priorizava apenas os contos de fadas originais, descartava também as produções modernas. É justamente o contrário do que se pretende demonstrar com a leitura de *A Bola e o Goleiro*, obra que também trabalha com as crianças, por exemplo, a superação das adversidades, e "tudo que encontra alguma forma de representação se torna mais passível de ser equacionado" (CORSO; CORSO, 2006, p. 163). Para o casal de psicanalistas, não há restrição a obras e gêneros. O importante é a identificação infantil com a representação e seu problema, a fim de ajudar a superá-lo:



Bettelheim acredita que, através do contato com os contos de fadas, poderíamos tanto economizar sofrimentos quanto alicerçar nosso crescimento. Estamos de acordo, porém constatamos que quanto mais alternativas ficcionais forem oferecidas a uma pessoa, mais instrumentos ela terá para elaborar seus dramas. Também acreditamos que existam tramas mais ricas que outras, disponíveis a uma mesma faixa etária, mas discordamos de que apenas os contos de fadas deteriam todos os atributos de que as crianças precisam para essa elaboração. De fato, eles são versões blapidadas, resultado de séculos de relatos e por isso devem ser objeto de particular interesse. Sem dúvida, os contos de fadas merecem um lugar nobre na comunicação com as crianças, porém não são as únicas histórias que lhes podem oferecer bons efeitos de subjetivação. (CORSO; CORSO, 2006, p. 165)

A leitura d'*A Bola e o goleiro* transmite a ideia de que se pode superar os problemas e desenvolver habilidades. Bilô-Bilô, de pior goleiro passa a melhor, e, diferente da história do Gato Malhado, o final ficará extremamente claro e compreensível, passando às crianças que a lerem ou ouvirem uma mensagem carregada de autoestima.

Por sua vez, *A Ratinha Branca de Pé-de-Vento e a Bagagem de Otália* não é e nem se parece com uma fábula ou um conto de fadas. Das três obras aqui tratadas, apesar de também classificada como infantojuvenil, é muito menos infantil e mais juvenil, uma vez que se deve lembrar ter sido extraída de uma obra escrita originalmente para adultos. A adaptação, inclusive, mantém a temática social característica da literatura de Jorge Amado, tratando de pessoas menos favorecidas vivendo, ou sobrevivendo, nas ruas de Salvador, às vezes por meios até ilegais.

Não se pretende aqui fazer uma análise moralista do texto, mas sim uma análise crítica em comparação com os outros dois livros. O primeiro foi escrito para ser lido para seu filho; o segundo, para ser contado a quem quisesse ouvir. Livros para crianças, portanto, infantis ou infantojuvenis, sendo a última a classificação indicada nos Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP), da Câmara Brasileira do Livro.

No início de *Literatura Infanto-Juvenil: teoria, análise, didática*, antes mesmo de começar seu texto, Nelly Novaes Coelho, explica numa espécie de nota de rodapé posterior ao sumário:

Para facilitar a exposição das idéias, usaremos o rótulo geral Literatura Infantil ou Infantil/Juvenil para indicar tanto os livros *infantis* (destinados a crianças até 9/10 anos de idade); como *infanto-juvenis* (para a meninada entre 10/11 anos até 13/14 anos) e os *juvenis* (para adolescentes a partir dos 14/15 anos). Só quando for necessário especificar, lançaremos mão dos demais rótulos citados. (...) Todos os que lidam com essa literatura não-adulta conhecem as dificuldades de se encontrar um termo abrangente que não falseie a matéria por ele nomeada. Devido a essa mesma dificuldade, usaremos o termo *criança* para indicar, na generalidade, o pequeno leitor (o ser em formação ou em processo de aprendizagem da Vida e da Cultura), para quem tal literatura é criada ou produzida. Obviamente não nos preocuparemos aqui com as irreduzíveis diferenças que fazem de cada criança um caso especial... (COELHO, 1991, p. 6)

Quase trinta anos depois da classificação acima, ela parece ainda bastante pertinente. Seguindo-a, pode-se considerar que *A Bola e o Goleiro* é um perfeito livro infantil, e *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, infantojuvenil. São para seu público específico que essa literatura foi, nas palavras da citação acima, "criada ou produzida". De modo totalmente adverso de *A Gatinha Branca de Pé-de-Vento* e *A Bagagem de Otália*, ou, por outra interpretação, *Os Pastores da Noite*, livro que foi criado e produzido, pensado e escrito visando ao público adulto.

Pé-de-Vento, por exemplo, não adestrara a ratinha com o intuito de vendê-la: "Não a educara para negócio, não perdera tempo a domesticá-la, a ensinar-lhe obediência para ganhar alguns mil-réis" (AMADO, 2009, p. 13). O que se mostra, inicialmente, como um desprendimento aos bens materiais ou mesmo um carinho especial pelo animal, esconde, na verdade, uma intenção maior:

Gastara paciência e tempo para levá-la de presente a Eró e com essa dádiva conquistar-lhe o sorriso, a simpatia e o corpo." (...) Pé-de-Vento apenas a vira, se perdera por ela e decidira tê-la o mais rapidamente possível em seu distante barraco. A ratinha parecera-lhe o mais prático e certo para atingir o almejado objetivo. Não era Pé-de-Vento homem de perder tempo e saliva em declarações, conversinhas em voz baixa, palavras ternas, e não enxergava a vantagem de tais lamúrias. (AMADO, 2009, p. 14-15)

Se, nos dois primeiros livros aqui analisados, Jorge Amado trabalhara, por exemplo, o tema do amor, correspondido ou não, esse não era seu intuito nesse momento. Como contraponto ao jeito de agir de Pé-de-Vento, é apresentado Curió:

Curió não fazia outra coisa, era um batuta em declarações de amor: até comprara um livro, o *Secretário dos amantes* (com o desenho de um casal, na capa, a beijar-se descaradamente), para aprender palavras melosas e frases difíceis. Apesar disso, ninguém mais traído por amantes e noivas, xodós e namoradas. Com toda sua literatura amorosa, vivia Curió a afogar em cachaça, no armazém de Alonso ou no botequim de Isidro do Batualê, as desilusões, vítima de constantes abandonos. (AMADO, 2009, p. 15)

Curió, amante à moda antiga, é descrito como traído e bêbado querendo apagar suas desventuras amorosas. Pé-de-Vento, não dado a maiores romances é o conquistador, que poderia até viver com Eró por toda a vida.

A vida toda ou uma noite apenas. Pé-de-Vento não fazia projetos detalhados, com tempo determinado de duração, com delimitadas perspectivas. seu objetivo era um único e imediato: levar Eró para o seu barraco, derrubá-la na areia. Como evoluíam as coisas, depois, isso já era outro problema a ser considerado em seu devido tempo. (AMADO, 2009, p. 17)

No entanto, Pé-de-Vento não alcança seu objetivo e, depois de oferecer a ratinha de presente a Eró, agarra-a e tenta a beijar, mas é violentamente afastado. Com a ameaça de se chamar a polícia se prosseguir, vai embora e acaba num bar, afogando suas desilusões junto com Curió. Tanto o amor galante como a sedução descompromissada levam ao mesmo lugar.

É nesse bar que conhecem Otália, que perdeu sua bagagem ao chegar em Salvador, para trabalhar no "castelo" de Tibéria, a cafetina que manda a moça procurar os rapazes para que encontrem o ladrão e lhe apliquem um corretivo. O meliante, no entanto, é facilmente reconhecido pela descrição de Otália por ser amigo de Pé-de-Vento e Curió. Uma vez indo a sua casa, recuperam as bagagens e tudo se resolve com todos se entendendo e se perdendo. A descrição do local onde mora Cravo na Lapela é importante:

Da cozinha viam as outras duas peças da casa, o quarto e a sala. No quarto, sete das oito crianças empilhavam-se num colchão e em algumas esteiras estendidas no chão. A mais velha teria seus doze anos, lindeza de menina-moça. O menor andava pelos seis meses e choramingava no colo da mãe, cujo perfil de prematura velhice surgia na porta aberta da sala, onde o casal dormia. A mulher fitava os recém-chegados, o ar cansado. (AMADO, 2009, p. 51)

A citação é uma síntese da condição dos personagens da obra: pessoas simples, desprovidas financeiramente, algumas trabalhadoras, outras sendo obrigadas pelas circunstâncias a levar uma vida de delitos. Contudo, amizade, lealdade e, principalmente, perdão são temas que podem ser desenvolvidos e refletidos com a leitura.

Classificado como literatura infantojuvenil, *A Ratinha Branca de Pé-de-Vento e a Bagagem de Otália*, mesmo adaptado, continua sendo partes de *Os Pastores da Noite*, livro que Jorge Amado não escreveu para crianças, não foi, nos termos de Nelly Novaes Coelho, criado ou produzido para o público infantil ou infantojuvenil. E juvenil? Dependerá das irreduzíveis diferenças que fazem de cada adolescente um caso (parafrazeando Coelho). Porém, o que entra em questão aqui é questionar se adaptar um livro (caso inicialmente escrito para adultos), sem modificá-lo, realmente adequando-o ao novo público receptor, apenas retirando partes, mudando a ordem e acrescentando um parágrafo, torna-o, pela simples catalogação, infantojuvenil.

Como exemplo de comparação, caso se retire apenas a parte em que, em *Dona Flor e seus dois maridos*, Flor procura a provável amante de Vadinho que está (em sua opinião) grávida dele, e que também envolve crianças, cantigas e um bebê, tendo um final feliz com um belo engano, em que tudo se resolve bem e todas se perdoam e acabam, inclusive, se tornando comadres, seria essa uma história agora infantojuvenil?

*A Bola e o Goleiro* é perfeito para crianças menores; *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, para crianças e pré-adolescentes. Foram escritos para crianças, com linguagem cuidada para isso, como o narrador em um determinado momento adverte:

O goleiro Bilô-Bilô iniciara sua carreira de goleiro sendo saudado em campo com diversos apelidos, cada qual – como direi? – mais caloroso Cerca-Frango, Mão-Furada, Mão-Podre, Rei-do-Galinheiro e outros nomes ainda mais feios que eu não reproduzo aqui por ser esta historinha dedicada ao público infantojuvenil. (AMADO, 2008, n.p)

*A Ratinha Branca de Pé-de-Vento e a Bagagem de Otália* (apesar de o título ter aparência extremamente infantil) parece muito mais adequado a adolescentes. Como já referido, é uma literatura que, mesmo adaptada, foi

originalmente destinada a adultos. De qualquer maneira, que essas leituras sejam talvez a porta para que futuros leitores um dia entrem numa biblioteca ou livraria e procurem, por exemplo, *Capitães de Areia*, livro que todos adolescentes (e adultos) deveriam ler para conhecer mais sobre literatura brasileira e, principalmente, sobre o Brasil e o mundo em que vivem.

## THE CHILDREN'S AND YOUTH'S-LITERATURE OF JORGE AMADO

**Abstract:** The vast work of Jorge Amado is internationally acclaimed due to his immense circulation of books in countless countries, as well as cinematographic and soap opera adaptations that have made him even more popular. However, what does not seem to be common knowledge is the fact that the author has also written two works of children's or juvenile literature, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* and *A Bola e o Goleiro*, and also have, posthumously, parts of one of his books, *Os Pastores da Noite*, adapted in a publication also classified as children and juvenile literature: *A Ratinha Branca de Pé-de-Vento e A Bagagem de Otália*. The aim here is to analyze this part of Amado's production that has deserved so little prominence from the critics.

**Keywords:** Children's and youth's-literature. Jorge Amado.

### Referências

- AMADO, Jorge. *A Bola e o Goleiro*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A Ratinha Branca de Pé-de-Vento e a Bagagem de Otália*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Capitães da Areia*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Dona Flor e seus Dois Maridos*. São Paulo: Record, 1977.
- \_\_\_\_\_. Gabriela, Cravo e Canela. São Paulo: Record, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Os Pastores da Noite*. São Paulo: Editora Martins, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Tieta do agreste*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1977.
- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infanto-Juvenil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática, 1991.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no Divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Data da Submissão: 15/04/2019  
Data da Aprovação: 17/06/2019